

O NOVO JOGO POLÍTICO GLOBAL

Luís Nassif

Folha de S.Paulo, 9.10.01

Salas de bate-papo, na internet, são bons locais para mensurar sentimentos públicos. Quem se dispusesse a percorrer esses locais, no domingo à noite, poderia captar uma tristeza difusa com o início do bombardeio do Afeganistão. Provavelmente esse mesmo sentimento estava presente na maioria das residências dessa grande aldeia global dos incluídos.

Nem se pode dizer que tragédias como essa sejam inéditas na era da comunicação eletrônica. Houve a guerra dos EUA contra o Iraque, a guerra da URSS contra o Afeganistão, as tragédias africanas, o massacre diário de palestinos pelo Estado de Israel, os atentados contra civis israelenses pelos terroristas palestinos.

Mas os atentados terroristas contra os EUA definitivamente incluíram os conflitos regionais na agenda do dia-a-dia. Fizeram os incluídos acordarem não apenas para os riscos da violência em escala global como também para o destino dos excluídos.

Tanto esse sentimento foi global que obrigou o próprio governo dos EUA a uma mudança de estratégia. A arrogância dos primeiros momentos -"quem não está conosco está contra nós"- foi substituída por um trabalho diplomático amplo, de tentar legitimar os ataques e obter a adesão voluntária de outros países.

Tudo bem, o bombardeio foi uma estupidez e visou aplacar o sentimento de vingança de uma opinião pública interna insuflada pela mídia norte-americana. Mesmo assim, longe de ser demonstração de bom-mocismo, a preocupação norte-americana significou uma mudança radical de posição em relação a outros tempos, em que se procediam a bombardeios indiscriminados e nenhuma preocupação em prestar contas dos seus atos.

Parte disso se deve ao sentimento de vulnerabilidade trazido pelos atentados. Mas a grande guerra não é essa, de EUA contra terroristas. O jogo é muito mais complexo, e será necessário baixar a poeira para que fique mais claro. Sob muitos ângulos, falcões norte-americanos, terroristas de Bin Laden, radicais israelenses, demais terroristas que atuam em todas as partes do mundo são aliados do mesmo jogo.

A verdadeira batalha não é entre eles. Será entre pacifistas americanos contra suas forças de segurança, entre moderados da Palestina contra seus radicais, entre liberais israelenses contra a extrema direita que controla o país.

Com todos os seus defeitos, a globalização impôs uma nova ordem mundial, em que as pendências se dão nos campos financeiro e comercial e cada vez menos no

campo de batalhas. A paz mundial passa a ser componente essencial desse modelo, impondo mudanças profundas na correlação de forças políticas de cada país.

Mesmo em plena comoção provocada pelos atentados, o noticiário desses dias comprova que a diplomacia internacional caminha rapidamente em direção a um novo concerto entre nações, fundado muito mais em interesses comerciais do que em questões bélicas.

A reação dos radicais de várias linhas será estimular o combate, a revanche e a catarse. Têm conseguido avanços em direção à barbárie, como a suspensão de alguns direitos civis consagrados nos EUA, a legitimação da censura à imprensa, com o uso político da catarse. Do mesmo modo, o bombardeio do Afeganistão estimulará contra-reações e dará sobrevida adicional a essa estratégia belicista, fortalecendo falcões nos EUA e terroristas no Oriente Médio.

Mas é questão de tempo para que essa estratégia se esgote em si mesma.